

Tiago André Lopes Maia

n.º 27620

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a Supervisão da Professora Doutora Luísa Maria Aires e orientação da Mestre Luísa Magalhães

Instituto Universitário da Maia

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a Dra. Luísa Magalhães, Orientadora Cooperante, pela orientação exaustiva, estímulo, afeto, motivação e apoio sempre demonstrado ao longo de todo o ano letivo, sendo o maior pilar para a conclusão deste ciclo.

À Prof.^a Doutora Luísa Aires, supervisora de estágio e coordenadora da Prática de Ensino Supervisionada (PES) pelo carinho e apoio prestado durante todo o ano.

À Prof.^a Doutora Maria João Lagoa pela disponibilidade que demonstrou desde o primeiro contacto e interesse no meu Projeto de Intervenção, foi incansável e bastante prestável.

Aos meus colegas de estágio, José Pires e Miguel Cunha. Quero agradecer pela união, cumplicidade, pelas experiências, desafios ultrapassados e pela forma como crescemos e evoluímos juntos, sem eles nada disto seria possível.

A todo o Grupo de Educação Física da Escola Básica Soares dos Reis, agradeço fortemente todo o apoio, colaboração e amizade com que me receberam sempre, estando presentes nos momentos importantes deste estágio, como foi o seminário.

À Diretora desta Escola, a professora Maria Manuela Machado pelo acolhimento, afeto, colaboração em todas as tarefas, pela confiança e disponibilidade para que este ano fosse inesquecível.

Aos meus colegas do ISMAI, que sempre me acompanharam desde o primeiro ano de licenciatura, agradeço todos os momentos partilhados.

A toda a minha família e amigos, agradeço pelo apoio incondicional, pela confiança em mim e dedicação para alcançar esta etapa do meu percurso académico.

Aos meus pais e irmão, agradeço especialmente pelos sacrifícios e dificuldades por que passaram para que eu pudesse concluir esta etapa da minha vida. Agradeço, ainda, pelo apoio incondicional, incentivo e pela paciência para me tolerarem naqueles momentos mais cansativos típicos de um trabalhador/estudante, dando-me sempre força para continuar.

À Ana Silva que, praticamente desde o primeiro minuto do meu percurso académico, esteve ao meu lado, tanto nos maus, como nos bons momentos e nunca me deixou ir abaixo ou desistir, conhecendo-me melhor que ninguém. Agradeço-te por todos os momentos vividos e, sem ti, sabes que este percurso não seria a mesma coisa, nem tinha o mesmo sabor.

À minha família de praxe, agradeço por todas as histórias e experiências vividas ao longo destes anos. Começaram como família de praxe, mas hoje considero-vos como minha família de sangue. O meu muito obrigado.

Por último e não menos importante, os meus alunos e todos aqueles que direta e indiretamente me ajudaram e fizeram com que todo este ano fosse inesquecível. Todas as experiências vividas, todos os desafios ultrapassados foram importantes para o meu futuro como docente.

A todos o meu sincero obrigado!

Resumo

O presente relatório visa descrever todas as atividades elaboradas e desenvolvidas no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) do segundo ano de Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, realizado na Escola Básica Soares dos Reis.

A estruturação deste relatório de estágio baseia-se nas linhas orientadoras que regulam a PES, expondo detalhadamente todo o processo efetuado ao longo do ano letivo 2017/2018, de forma a caracterizar o contexto de integração do Estudante Estagiário na escola.

No âmbito da PES, destacam-se os processos educativos e formativos em questão e evidencia-se a iniciação à metodologia de investigação científica como suporte metodológico da construção dos saberes intrínsecos à profissionalidade docente.

O ano de estágio propicia a oportunidade de aplicar, na lecionação, os conceitos teóricos apreendidos, potenciando a sua aplicação em contexto real através do desenvolvimento e experimentação de métodos e estratégias de ensino. Neste sentido foi possível a construção de uma identidade profissional reflexiva e investigativa, capaz de convergir na consolidação de competências pessoais e profissionais que foram sendo potenciadas em prol da melhoria do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Este documento encontra-se dividido em quatro grandes áreas, nomeadamente as dimensões pessoal e profissional, a prática em contexto, a prática profissional desde o plano de análise ao plano da intervenção e as reflexões finais.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO; ESTÁGIO PEDAGÓGICO; FORMAÇÃO; REFLEXÃO.

Abstract

This report aims to describe all activities designed and carried out under Course Supervised Learning Practice (PES) the second year of Master's Degree in Physical Education in Basic and Secondary Education, held at the Elementary School Soares dos Reis.

The structure of this internship report is based on the guidelines that regulate the PES, exposing in detail the whole process made throughout the school year 2017/2018, in order to characterize the context of integration of the trainee at school.

In the context of PES, it highlights the educational and training processes involved and highlights the introduction to scientific research methodology and methodological support of the construction of intrinsic knowledge to the teaching profession.

The internship year provides the opportunity to apply in teaching, the theoretical concepts learned, promoting its application in real context through the development and experimentation of methods and teaching strategies. Therefore it was possible the construction of a reflective and investigative professional identity, able to converge in the consolidation of personal and professional skills that have been enhanced in order to improve the teaching and learning the students' process.

This document is divided into four major areas, namely personal and professional dimensions, the practice in context, the professional practice from the analysis plan to the intervention plan and final reflections.

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION; TEACHING; PEDAGOGICAL INTERNSHIP; FORMATION; REFLECTION.

Índice de Siglas e Acrónimos

AF - Atividade Física

DE - Desporto Escolar

EA - Ensino e Aprendizagem

EBSR - Escola Básica Soares dos Reis

EE - Estudante Estagiário

EF - Educação Física

ISMAI - Instituto Universitário da Maia

MEC - Modelo de Estrutura e Conhecimento

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OC - Orientador Cooperante

PES - Prática de Ensino Supervisionada

UD – Unidade Didática

Índice Geral

AGRADECIMENTOS	i
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice de Siglas e Acrónimos	v
Introdução	1
I. Dimensões: pessoal e profissional	3
1. Uma decisão a partir de um percurso	3
2. Expectativas iniciais	7
II. Prática em contexto	9
1. A importância da PES	9
2. A escola cooperante: lugar de prática	10
III. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção	13
1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	13
1.1. Planeamento	14
1.2. Realização	15
1.3. Avaliação	17
1.4. Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação	18
2. Participação na escola e Relação com a comunidade	18
2.1. Atividades realizadas	19
2.2. Socialização profissional e institucional	21
2.3. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação	22
3. Desenvolvimento profissional	23
3.1. Dificuldades e necessidade de formação	23
3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão	23
IV. Reflexões finais	24
4.1. Experiência pessoal e profissional	24

4.2. A componente ético-profissional	25
4.3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES	26
Referências Bibliográficas	27

Introdução

“Eu sei o preço do sucesso: dedicação, trabalho duro, e uma incessante devoção às coisas que você quer ver acontecer”

(Frank Lloyd Wright)

A realização deste documento consiste na elaboração do Relatório Final do Estágio Pedagógico, parte integrante e conclusiva do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário pelo Instituto Universitário da Maia.

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizou-se na Escola Básica Soares dos Reis, no ano letivo 2017/2018, com início no dia 1 de setembro de 2017, tendo como objetivo o desenvolvimento de uma prática pedagógica segundo todos os conhecimentos adquiridos até ao momento, bem como, as orientações e supervisão do Professor Cooperante com vista à profissionalização de Professores de Educação Física (EF).

A PES tem ainda como finalidades, desenvolver competências profissionais que promovam no futuro docente uma reflexão crítica sobre as suas intervenções, tornando-o capaz de responder a novos desafios e a exigências particulares da profissão, a reflexão sobre o trabalho desenvolvido através das competências pessoais e profissionais de cada um, com vista a avaliar o pensamento e a ação que se desejam ver encorajados (Zeichner, 1993). De facto, através de uma prática pedagógica reflexiva, foram aprofundados e aperfeiçoados os conhecimentos em todas as unidades didáticas lecionadas, quer no âmbito das aulas de EF, quer nos treinos das modalidades dos grupos do Desporto Escolar (DE).

Com objetivo de alcançar o sucesso no estágio pedagógico, existe uma supervisão pedagógica e universitária. Esta supervisão abrange a presença de uma professora cooperante e de uma supervisora, que nos orienta durante todo o ano letivo, analisando, corrigindo e dando indicações, com a finalidade de promover uma evolução na nossa ação pedagógica.

As dimensões relativas à lecionação, à gestão das aulas e ao relacionamento com os alunos foram simplificadas, devido à experiência profissional já adquirida, no que diz respeito à lecionação num estágio curricular desenvolvido no décimo segundo ano de escolaridade, em que o mestrando teve contacto com três faixas etárias e devido à orientação de treinos de formação de futebol. Porém, em determinadas situações, devido a características particulares de alguns alunos, foram sentidas inicialmente algumas fragilidades, que o mestrando superou, sempre com a supervisão e aprovação da professora cooperante.

A PES proporciona, ainda, uma inclusão no meio educativo de uma comunidade escolar, que permite desfrutar de todas as experiências e oportunidades de aprendizagem que emergem ao longo de um ano letivo e que se constituem de extrema importância para o percurso do futuro docente.

Desta forma, a ordem de trabalhos deste Relatório de Estágio seguirá o regulamento de estágio pedagógico do Instituto Universitário da Maia procurando retratar as dimensões pessoais e profissionais, as expectativas iniciais, a prática em contexto, a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, a participação na escola e a relação com a comunidade escolar e o desenvolvimento profissional.

I. Dimensões: pessoal e profissional

1. Uma decisão a partir de um percurso

Começando por me apresentar, o meu nome é Tiago André Lopes Maia e tenho vinte e três anos. Sou natural de Sermonde, uma pequena freguesia inserida no concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, que recentemente se uniu à freguesia vizinha de Grijó, aquando da união de freguesias. Sermonde tem ainda um carácter marcadamente rural e é a freguesia com menos habitantes do concelho, com cerca de mil trezentos e sessenta, na última contagem dos censos, em dois mil e onze. A média populacional situa-se entre os vinte e cinco e os sessenta e quatro anos.

Estando envolvido, desde que nasci, num meio rural, foram-me proporcionadas maiores experiências ao nível da atividade física (AF) e que acabaram por contribuir para o meu percurso. Irei, portanto, explanar o meu percurso pessoal até aos dias de hoje e evidenciar quais os motivos que me levaram a enveredar por esta área, ligada ao desporto, mais concretamente, à profissão de professor de EF.

Começando pelos primeiros anos da minha vida, ainda na primeira fase de desenvolvimento, estágio sensório-motor (dos dezoito aos vinte e quatro meses) segundo a teoria cognitivo-construtivista de Jean Piaget, descrita por DeWolfe, T. E. (2013), fui um bebé calmo que praticamente comia e dormia. No entanto, chegando aos vinte e quatro meses, comecei a ser uma criança com bastante energia e que precisava de se mexer, não acalmando até conseguir o que pretendia.

Passando ao estágio pré-operatório (dos dois até aos sete anos de vida), mudei de residência e fiquei a viver na casa que atualmente resido. Na altura, a casa ainda estava com alguns locais em obras, pelo que o piso era irregular e onde se encontravam vários materiais espalhados. Este acabou por ser um fator muito importante para o meu desenvolvimento, no sentido em que me recriava naqueles espaços e construía os meus próprios percursos de atividade, contribuindo bastante para a minha literacia física, no que diz respeito às suas bases, tais como: velocidade, agilidade, coordenação, equilíbrio e força. Ainda nesta fase e com cinco anos, ingressei na vida escolar, na escola da freguesia, a escola EB 1 da Asprela e que contribuiu igualmente para a minha literacia física. Neste primeiro ciclo de ensino, a AF era desenvolvida nos recreios e, em algumas situações, a professora vinha connosco para o espaço exterior no tempo letivo, deixando mesmo algumas matérias por abordar e permitia-nos brincar e jogar livremente. Reconheço que fiquei com algumas lacunas a nível de conhecimentos, advindas

desta situação, porém foi um fator fundamental para começar a ganhar maior satisfação e gosto pela AF, uma vez que passei o meu primeiro ciclo maioritariamente nesse espaço exterior em recreação com os restantes colegas.

Transitei para o estádio operatório concreto (dos sete aos onze/doze anos) e, mais tarde, para uma escola diferente, a escola EB 2/3 Júlio Dinis, a escola sede do agrupamento de escolas e nesta permaneci, deste o quinto até ao nono ano de escolaridade. Nesta tive o primeiro contacto formal com as aulas de EF e desde logo se tornou a minha disciplina favorita. O gosto pela AF e pelo desporto ia aumentando, até que, neste período da minha vida, e após muita insistência com os meus pais, consegui que me inscrevessem numa equipa de futebol. A partir daqui o sentimento pelo desporto ganhou outra dimensão, pois gostava do contexto de aula de EF e, ao mesmo tempo, comecei a desenvolver um sentimento muito forte pelo futebol, que iria desempenhar um papel essencial numa fase mais avançada. O meu pensamento enquanto aluno era maioritariamente de ansiedade e desejo por ter aulas de EF. Quando tinha estas aulas o meu dia ganhava uma nova alegria, uma nova cor e quando, por alguma razão, não tinha aula, ficava realmente triste, porque era a disciplina em que nunca queria ter “furo”.

Acabado este percurso no ensino básico, foi altura de tomar uma decisão quanto ao meu futuro. Ainda com alguns receios, característicos de um menino que tem de tomar decisões, resolvi prosseguir o caminho da Saúde e do Desporto no Colégio Internato dos Carvalhos, no meu décimo ano. Após este ano, a opção de saúde tinha três vertentes. Aqui a escolha foi muito mais fácil e optei pela vertente desportiva, no curso de Animação Sócio Desportiva. Neste momento, comecei a ter aulas mais direcionadas para o desporto e a motivação por esta área, cada vez mais, ia aumentando. No final desse ano e para passar ao décimo segundo, tive de realizar novamente uma escolha, ou enveredava pela vertente científica (com disciplinas mais teóricas), ou pela vertente tecnológica (essencialmente mais prática). Novamente, julgo ser perceptível a opção que tomei, sem dúvida, a vertente tecnológica. Nesta vertente, o currículo era essencialmente prático, como já referi, mas tinha uma particularidade, a de termos uma disciplina denominada de Projeto Tecnológico de Estágio, em que obtive uma classificação de dezanove valores. Neste projeto, o objetivo era similar à PES que desenvolvi recentemente, contudo mais simples, dada a menor formação e a idade prematura na época. Tínhamos então de planear aulas e lecioná-las a três faixas etárias: crianças entre os cinco e dez anos, adolescentes entre os doze e dezoito anos e idosos, utentes de um Lar. Sem dúvida alguma que foi uma experiência bastante enriquecedora e que me levou a optar por esta profissão. Simultaneamente, o futebol continuava a fazer parte da minha vida, conseguindo uma subida

de divisão em escalões jovens e a única, até ao momento, do clube (Clube Futebol de Perosinho). Todo este desenvolvimento aconteceu no estádio operatório formal (dos onze/doze anos, até aos quinze/dezasseis).

Uma vez terminado o décimo segundo ano, com média de dezassete valores, procurei ingressar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), o que acabou por não acontecer e a colocação foi em Coimbra. Não tendo ficado muito agradado com a situação, optei por ficar um ano a realizar estágio num ginásio e preparar-me novamente para os exames nacionais. No ginásio desenvolvi várias atividades, entre elas, de rececionista, trabalho de logística e a mais direcionada com esta área, a de *personal trainer*. No final do ano candidatei-me novamente à mesma Universidade e quis o destino que voltasse a ver recusada a minha tentativa. Optei então por esta grande instituição, que é o Instituto Universitário da Maia (ISMAI). Nesta instituição dei continuidade à vertente desportiva e inscrevi-me na Licenciatura em EF e Desporto e o sonho começava a ganhar forma. A licenciatura no primeiro ano teve um impacto forte em mim, apresentando-me uma nova realidade e comportamentos que rapidamente tive de adotar.

Por outro lado, a frequência da licenciatura teve um outro papel determinante na minha vida, uma vez que senti a necessidade de interromper o meu percurso de jogador. Fiquei bastante triste, pois era uma atividade que gostava de fazer e em que tinha algumas habilidades, porém estava a ser difícil conciliar os horários e o treinador começou a não contar muito comigo. Decidi então focar-me totalmente na licenciatura, sempre com o interesse também voltado para o treino de futebol, participando em congressos e palestras alusivas ao tema.

Entretanto surgiu a possibilidade de realizar um curso de treinador de futebol para o nível Um, para o qual apenas faltava complementar horas da componente específica. Conclui assim a licenciatura e igualmente o curso de treinador de futebol nesse ano. Ficarei para sempre marcado por esse curso, por um lado, por ter feito um traumatismo cranioencefálico que me obrigou a fazer uma pequena cirurgia, permanecendo uma marca que me irá acompanhar para sempre e, por outro lado, por ter dado início à profissão que hoje tenho e que amo desempenhar, treinador de futebol.

Terminada a Licenciatura vi-me perante um dilema, optar pelo Mestrado em Treino de Alto Rendimento, ou pelo Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, sendo que sinto paixão pelas duas áreas. Tive de colocar tudo em causa e tomar uma decisão conscienciosa. Optei então por seguir o meu sonho de ser professor de EF,

seleccionando o último mestrado acima mencionado. Apenas com esta opção poderia ser professor de EF.

Como já tinha o curso de treinador de futebol nível Um, aguardava apenas a oportunidade de representar um clube. Estando tudo a correr como desejava, eis que surge a possibilidade de representar um clube, o Futebol Clube do Porto, na sua vertente *Dragon Force*. A primeira fase foi de choque absoluto. Representar o meu clube de coração? A sério, isto está mesmo a acontecer?

Logo procurei conciliar as duas vertentes, porque ambas eram oportunidades únicas e que dificilmente voltariam a aparecer. Desta forma, realizei o meu estágio de futebol neste grandioso clube, que assenta nos pilares da Competência, Paixão, Ambição e Rigor, competências essenciais a um bom profissional. Poderia ter começado o meu percurso de treinador num clube melhor? Muito sinceramente, não. Foi a melhor coisa que me podia ter acontecido e no *timing* certo, pois no ano seguinte estaria a realizar estágio numa escola.

Terminei o primeiro ano de mestrado com a terceira melhor média, o que me permitiu escolher, com maior certeza, o local de estágio. Este segundo ano de Mestrado é um culminar de toda a informação recebida e de todas as experiências vividas e procurar traspô-las para a prática, através da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Optei pela Escola Básica Soares dos Reis (EBSR), sede do agrupamento de escolas de que faz parte. Algumas das razões que me fizeram optar por esta escola foram o sucesso educativo apresentado e a imagem positiva que transparece, embora existam alguns casos de indisciplina. O lema da escola também vai ao encontro de princípios que defendo, sendo mais um fator de seleção. O lema é: “Investir na tecnologia, promover a cidadania... rumo ao futuro”. Sem dúvida que devemos procurar utilizar os recursos disponíveis e melhorar o ensino, promovendo acima de tudo a cidadania, porque estamos a formar futuros cidadãos.

A nível académico, procurei concluir mais esta etapa com a melhor experiência possível e conseguir marcar pela positiva a vida dos meus alunos. Desempenhei funções tanto a nível curricular, como a nível do DE, mas também colaborei com projetos já existentes na escola, procurando desta forma envolver-me ao máximo no que me foi possível. Ao mesmo tempo, dei continuidade à vida laboral como treinador de futebol na escola *Dragon Force*, tendo neste ano passado a efetivo. Tendo sido já um ano sobrecarregado de trabalho a que o estágio escolar obrigou, deparei-me também com a realidade de ter quatro equipas na escola de futebol, entre elas: Sub-sete; Sub-nove B; Sub-treze A e Sub-quinze. Este facto obrigou-me a uma gestão muito minuciosa e que tive de realizar com bastante cuidado, para não ficar aquém das

expectativas em nenhum local, porque procuro sempre dar o meu melhor em tudo o que faço, sendo uma característica minha que aprecio bastante.

Penso ter conseguido conciliar as duas vertentes e, apesar do imenso trabalho que tive, sempre me senti realizado, pois estava a fazer o que gosto. Irei procurar dar continuidade ao registo atual e, se possível, sempre com o objetivo de melhorar a cada dia.

2. Expectativas iniciais

As minhas expectativas ao começar este segundo ano de mestrado e conseqüente estágio numa escola foram elevadas, com um misto de sensações. Por um lado, de alegria, satisfação e orgulho, por estar a terminar um percurso académico e iniciar uma atividade laboral, da qual gosto e me faz sentir realizado enquanto profissional e pessoa. Por outro lado, também é verdade que senti um certo nervosismo e ansiedade, por ter a consciência que iria estar a lidar com crianças e jovens e que iria ser responsável por eles durante um ano.

No entanto, desde o início, encarei esse nervosismo e ansiedade como algo positivo, na medida em que me tornava mais consciencioso e responsável pelas minhas ações durante as aulas e na sua preparação e reflexão. É certo que procurei dar sempre o meu melhor, no sentido de conseguir que os meus alunos evoluíssem e que lhes conseguisse marcar o percurso académico e pessoal pela positiva, incentivando sempre à prática de AF, através do desporto de competição, ou simplesmente por lazer e recreação, com o propósito de se tornarem jovens mais ativos e saudáveis.

Conseguí envolver-me nos vários ramos da EF, tanto a nível curricular, como a nível do DE, bem como na colaboração com projetos já existentes na escola, procurando dessa forma ter uma visão mais abrangente dos vários papéis que o professor de EF desempenha e, ao mesmo tempo, ganhar mais experiência e adquirir novas competências, com o objetivo de tornar o meu estágio o mais rico possível.

Quantos às relações com a comunidade (professores, pais, assistentes operacionais, alunos), encarei esta jornada, igualmente, com algum nervosismo. Em relação aos professores, por estarem na escola há mais tempo, terem vários anos de experiência e por poderem olhar para mim como um principiante incapaz. No entanto, pelo contrário, foram um bom suporte e uma grande ajuda neste processo, sempre disponíveis e prontos a ajudar no que precisei, sendo desta forma uma boa fonte de conhecimentos e de troca de ideias e experiências. Em relação aos assistentes operacionais, o receio de me confundirem com um aluno e me olharem com outros olhos, também não se verificou no primeiro impacto. Todos foram amáveis e trataram-

me logo por professor, tal como os restantes professores na escola. Em relação aos pais, nervosismo por poderem achar que era inexperiente e incapaz de dar aulas aos seus filhos, por ser muito novo. Novamente, tal não se verificou, considerando-me como um professor igual aos restantes colegas com mais anos de experiência e talvez com a vantagem de trazer ideias novas e de querer retirar sempre mais de cada um dos seus educandos. Por último, mas não menos importante, até pelo contrário, os alunos, centro e foco deste estágio, até porque foi com esta população que trabalhei e pus em prática todos os conhecimentos adquiridos até ao momento. Nas primeiras aulas, alguns alunos tentaram testar-me e ver até onde poderiam ir, mas adotei uma postura mais assertiva que resultou bem e os progressos foram visíveis.

Assim, superei as minhas expectativas iniciais pela positiva e terminei este estágio da melhor forma possível, sentindo-me mais capaz de abordar certas modalidades que até então não me sentia tão confortável comparativamente a outras e, ainda, ganhando maior bagagem com modalidades que normalmente não são abordadas na escola, como por exemplo o boccia e a esgrima.

II. Prática em contexto

1. A importância da PES

A PES revela-se de extrema importância, uma vez que incorpora uma componente essencial na formação dos professores, culminando um ciclo de aprendizagens na perspectiva de preparar o Estudante Estagiário (EE) para o mundo laboral sobre a forma de profissional docente.

Embora todos esses conhecimentos sejam imprescindíveis ao futuro docente, a oportunidade de aplicá-los em contexto real oferece à PES uma importância única, no sentido em que permite ao EE a mobilização de saberes fundamentais, já explorados teoricamente, de modo a possibilitar a aplicação na prática quotidiana de um profissional de educação.

A prática letiva em contexto real permite ao EE vivenciar os vários papéis do professor numa escola e as experiências de planificação, gestão, realização e avaliação de ensino. Estas experiências são acompanhadas por uma análise crítica e reflexiva, relativamente às aulas lecionadas e atividades desportivas dinamizadas pelo EE ao longo do estágio pedagógico, bem como por novos desafios e objetivos que nos propomos a alcançar, na perspectiva da evolução pessoal e profissional.

Acresce uma importância maior à PES, para o EE, o facto de ter presente o acompanhamento constante da Orientadora Cooperante (OC) que, através da sua experiência, pode fornecer o seu testemunho e experiência, tornando o estágio mais rico. De facto, a literatura tem conferido grande pertinência à experiência pessoal e profissional produzida ao longo do tempo pelos professores, na perspectiva de superar a visão da formação direcionada apenas para o imediato, alicerçadas as suas ideias numa trilogia dimensional elementar: a pessoal, a profissional e a organizacional (Huberman, 2000; Marcelo, 2009; Nóvoa, 2002; Schon, 1995). Apesar da PES completar um ciclo de aprendizagens, explana ainda a pertinência de iniciar um novo capítulo, o da formação contínua.

Segundo Nóvoa (2009), “a educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas”. Neste sentido, a PES pode constituir-se como um meio para mudar as práticas de ensino, através de novos modelos instrucionais, como os apresentados por Metzler (2011), nomeadamente: instrução direta (direct instruction), sistema de instrução personalizada (personalized system for instruction), aprendizagem cooperativa (cooperative learning),

educação desportiva (sport education), co-educação (peer teaching), aprendizagem por meio de problemas (inquiry learning), aprendizagem tática de jogos (tactical games) e ensino de responsabilidade pessoal e social (teaching personal and social responsibility).

2. A escola cooperante: lugar de prática

A minha PES decorreu na Escola Básica Soares dos Reis (EBSR), sede do agrupamento de escolas de que faz parte. Esta escola situa-se na Rua Conceição Fernandes, 4430-064 Vila Nova de Gaia. Os seus contactos são: 227 153 070 (telefone), 935 752 038 (telemóvel), 227 117 443 (Fax) e dir@ebsoaresreis.net (e-mail).

Relativamente a Mafamude e Vilar do Paraíso, freguesia onde se insere a escola, é uma freguesia portuguesa do concelho de Vila Nova de Gaia que, em 2011, tinha 38.544 habitantes e uma área de 5,39 km², o que representa uma densidade populacional de 7.151 hab/km². Caracteriza-se por ser o centro cívico e administrativo do concelho de Vila Nova de Gaia – a “urbe” – e não mais pelas suas marcas de ruralidade. O desenvolvimento de vários setores de atividade, como a indústria, o comércio, os serviços e o turismo, deveu-se ao lugar central que Mafamude e Vilar do Paraíso tem em relação às restantes freguesias do concelho.

A escola teve origem em 1969, ano em que começou a funcionar como secção da então Escola Preparatória Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia. Passou a ter identidade própria a 28 de setembro de 1972, pela Portaria 562/72, com a denominação de Escola Preparatória de Soares dos Reis, designação esta que, em 1993, pela Portaria 587/93 de 11 de junho, deu lugar à de Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos de Soares dos Reis, tendo-se começado a lecionar do 5.º ao 9.º ano de escolaridade.

A EBSR apresenta mais espaços e recursos comparativamente com as restantes escolas do Agrupamento, nomeadamente: dois balneários, uma biblioteca escolar, dois bufetes, um campo de jogos, uma cantina com uma cozinha, um pavilhão gimnodesportivo, um PBX, um polivalente, uma portaria, um recreio, uma reprografia e serviços administrativos. No que toca aos Gabinetes possui: um Gabinete de Direção, um Gabinete para o desenvolvimento do Programa de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde (PAPES) e do Grupo de Apoio aos Problemas Disciplinares (GAPD) e um Gabinete de Serviço de Psicologia e Orientação (SPO). Quanto às salas, dispõe de: uma sala de atendimento aos pais e encarregados de educação/sala dos Diretores de Turma, 26 salas de arrumos, 24 salas de aula, uma sala de Educação Especial, uma sala de estudo, uma sala de assistências operacionais, uma sala de professores, uma sala de reuniões e uma sala de apoio às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

No que diz respeito à comunidade educativa, no ano letivo 2017/2018, relativamente ao número de alunos e turmas, a EBSR teve: 10 turmas do 5.º ano, num total de 291 alunos; 10 turmas do 6.º ano, num total de 293 alunos; 6 turmas do 7.º ano, num total de 171 alunos; 6 turmas do 8.º ano, num total de 172 alunos e 6 turmas do 9.º ano, num total de 154 alunos. No total são 38 turmas e 1081 alunos.

No que respeita ao número de alunos por Escalão da Ação Social Escolar, a escola teve: no 5.º ano, 52 alunos do escalão A e 44 do escalão B; no 6.º ano, 40 alunos do escalão A e 41 do escalão B; no 7.º ano, 31 alunos do escalão A e 23 do escalão B; no 8.º ano, 29 alunos do escalão A e 32 do escalão B; e no 9.º ano, 24 alunos do escalão A e 24 do escalão B, perfazendo um total de 176 alunos do escalão A e 164 do escalão B.

Relativamente à nacionalidade dos seus alunos, frequentaram a EBSR 1069 alunos de Portugal, dois de Angola, um do Brasil, dois da Venezuela, dois da Ucrânia, três da República da Moldávia, um da China e um de São Tomé e Príncipe.

Ao nível do corpo docente, foram 103 os docentes referentes ao 2.º e 3.º ciclos da EBSR, sendo 78 do sexo feminino e 25 do sexo masculino. Relativamente ao tipo de vínculo, 76 faziam parte do Quadro do agrupamento, 15 ao Quadro Zona Pedagógica e 12 foram contratados. Considerando as suas habilitações literárias, quatro tinham o Bacharelato, 79 a Licenciatura, 19 o Mestrado e um o Doutoramento. Em todo o Agrupamento, um docente tinha até 29 anos de idade, 20 tinham idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos, 57 tinham idades entre os 40 e os 49 anos, 56 entre os 50 e os 59 anos e 20 apresentavam mais de 60 anos de idade. No que diz respeito ao tempo de serviço, não existiam docentes com menos de quatro anos de trabalho, cinco tinham entre 5 e 9 anos de serviço, 46 tinham entre 10 e 19 anos de serviço, 55 entre 20 e 29 anos e 48 docentes tinham 30 ou mais anos de trabalho.

A nível de material desportivo, a escola possui uma grande variedade de material, no entanto, algum necessita de ser renovado. Quanto aos espaços para a prática das aulas de EF, a escola dispõe de um pavilhão gimnodesportivo com: um campo oficial de futsal, um campo oficial de andebol, um campo oficial de basquetebol, um campo oficial de voleibol, cinco campos oficiais de badmínton, três campos reduzidos de basquetebol e três campos reduzidos de voleibol. Possui ainda de um espaço exterior que apresenta três campos de futsal, um campo de voleibol, um campo de basquetebol, dois campos de andebol, cinco pistas de velocidade (40 m) e uma caixa de salto.

Na minha PES acompanhei duas turmas, uma turma de sexto ano a que lecionei durante todo o ano letivo e uma de sétimo ano, em que lecionei apenas no segundo período, para ficar capacitado a lecionar nos grupos de recrutamento 260 e 620.

Durante o ano letivo, também acompanhei e supervisionei as aulas dos meus colegas de estágio nas turmas que lhes foram atribuídas. Tiveram, igualmente, uma turma de sexto ano e a mesma turma de sétimo que passou pelos três estudantes estagiários do meu núcleo. Acompanhei a OC nos assuntos referentes à direção de turma, o que me permitiu conhecer qual a forma mais adequada para lidar com as mais diversas situações. Ainda acompanhei o grupo de esgrima e de boccia no âmbito do DE. O último, tendo a particularidade de envolver alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e que enriqueceu muito a minha experiência.

Desta forma, penso ter tido todos os recursos e oportunidades para experienciar em contexto real o que efetivamente é a escola.

III. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

Esta é uma área que se revela fulcral na identificação de um plano de ação para se obter uma melhor intervenção, junto dos alunos. Constitui-se como uma das mais importantes do Estágio Pedagógico, uma vez que o enriquecimento, a formação e o desenvolvimento total do aluno tem de ser o objetivo primordial desta prática.

Neste sentido, procurei realizar uma análise SWOT (*Strengths; Weaknesses; Opportunities; Threats*) para cada um dos pontos (Planeamento, Realização e Avaliação), com o propósito de ter um conhecimento mais detalhado em relação a cada temática e, desta forma, poder fazer uma reflexão mais afincada e conseqüentemente uma melhor intervenção na resolução e na ação estratégica, no sentido de conseguir colmatar as lacunas existentes.

1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

Conceção de ensino

Segundo Graça (2001), as conceções que os professores detêm acerca dos conteúdos de ensino e acerca dos alunos com quem trabalham refletem-se no modo como pensam e desenvolvem as suas práticas de ensino.

Com o objetivo de iniciar a minha intervenção com os alunos de forma responsável e minuciosa, foi importante o conhecimento antecipado dos alunos, informação transmitida pela OC Luísa Magalhães, que me apresentou as características gerais da turma, salientando os alunos caracterizados, no início do ano, como possíveis casos-problema, dados os problemas já manifestados ao nível do aproveitamento (retenções no percurso escolar e dificuldades de aprendizagem) e do comportamento. Desde logo concluí que seria um enorme desafio lidar com uma turma com estas características e com tantas personalidades distintas e que acompanham consigo realidades muito específicas. Estes fatores poderiam ser limitadores e constrangedores para quem estava na iminência de iniciar um estágio, o que acabou por não acontecer. Ao invés de encarar estas particularidades como inibidoras para um bom estágio, encarei como desafios a serem superados. A verdade é que, após a realização deste estágio, não trocava a turma I do 6.º ano por nenhuma outra turma.

Com a finalidade de perceber mais detalhadamente as características, os gostos e as personalidades de cada aluno e da turma, elaborei um questionário para caracterização da turma, incidindo-me mais em questões relacionadas com a AF e a disciplina de EF. Através da análise destes questionários, foi possível constatar que os alunos, apesar de atribuírem uma grande importância à disciplina, são pouco ativos, não apresentando no entanto, fatores inibidores para

a sua prática. Procurei, ainda, para além de outras informações, saber qual o perfil de professor que os alunos preferiam, elegendo o perfil misto (entre autoritário e liberal). Com as informações recolhidas, foi possível iniciar a prática letiva de forma mais conscienciosa.

1.1.Planeamento

Segundo Bento (2003) “na planificação são determinados e concretizados os objetivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas estruturas coordenadoras de objetivos e matéria das linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico”.

No meu caso, relativamente ao planeamento, fiz uma análise previamente que fui atualizando, de acordo com uma análise SWOT, em que considerei que apresentava um bom domínio teórico das tarefas, dos conteúdos das modalidades, do planeamento, bem como, uma boa capacidade de adaptação e modificação às alterações no planeamento e uma boa capacidade reflexiva, capacidades que se revelam essenciais no planeamento e intervenção com os alunos. Por outro lado, detetei algumas dificuldades em projetar aulas para diferentes níveis de desempenho e colocar os alunos num espaço ideal para a sua prática. Como dificuldades extrínsecas, identifiquei o facto de a turma ser muito numerosa (trinta alunos); o espaço de aula reduzido para a quantidade de alunos; a existência de dois níveis de desempenho, segundo a diagnose realizada; o número reduzido de aulas por unidade para os alunos terem uma evolução maior e, por último, os ajustes feitos ao planeamento que obrigam a modificar o que estava previsto. No entanto, constatei como oportunidade o facto de já ter experiência a dinamizar sessões de treino (Futebol) com crianças/jovens da mesma faixa etária (treinador de Futebol) e o gosto pelas aulas e pela disciplina manifestado pelos alunos.

Após identificar todos estes fatores (internos e externos), conhecer os documentos do Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico e Secundário, o Programa de Prática de Ensino Supervisionado, o Regulamento de Estágio Pedagógico, o Projeto Curricular de Educação Física, o Planeamento Anual da disciplina da EBSR e com o conhecimento da escola, do meio e das características das turmas às quais lecionei as aulas, pude delinear pormenorizadamente o planeamento anual e os modelos de ensino mais adequados para posterior intervenção em cada unidade didática (UD).

Com base na análise de todos estes documentos elaborei um Modelo de Estruturas de Conhecimento (MEC), criado por Vickers (1990). Este modelo constitui-se como um modelo instrucional que se baseia no conteúdo (o que ensinar) e no processo (como ensinar), centrando-

se fundamentalmente no primeiro. A sua primeira preocupação foca-se na questão “o que é que eu quero ensinar”.

A elaboração do MEC contribuiu para um conhecimento mais pormenorizado de cada UD. A aquisição deste conhecimento facilitou a elaboração dos respetivos planos de aula, com progressões pedagógicas para uma maior evolução dos alunos, respeitando as características da turma, a modalidade lecionada, os objetivos para a aula e os recursos materiais e espaciais.

Os documentos elaborados respeitaram o planeamento anual previamente definido pela EBSR, sendo os módulos a abordar, Aptidão Física, Voleibol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Rugby, Andebol, Futsal, Ginástica de solo e aparelhos.

Segundo Stratton (1996), o nível e a qualidade da AF podem variar consideravelmente entre as aulas de EF, como resultado de fatores pedagógicos, individuais e ambientais. Considerando os fatores pedagógicos como a quantidade de UD abordadas em cada ano letivo, corroboro a opinião do autor como sendo um fator que influencia a qualidade das aulas de EF. As aulas podem ser influenciadas também pelos fatores individuais de cada aluno, no que diz respeito às suas capacidades condicionais e coordenativas. Desta forma, as crianças necessitam de atividades posturais, locomotoras e manipulativas, que são decisivas para todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem das habilidades motoras e das capacidades físicas (Neto, 1997). Constato assim, em concordância com Stratton (1996) e Neto (1997), a pertinência em reduzir o número de UD por ano letivo e aumentar a quantidade e qualidade de AF, promovendo atividades condicionais e coordenativas.

1.2.Realização

Para Siedentop (2008), a instrução, a gestão, o clima e a disciplina são as quatro dimensões fundamentais para que haja uma boa intervenção pedagógica. Considero os *feedbacks* uma ferramenta excepcional na transmissão da informação, na correção das execuções por parte dos alunos e na manutenção de um clima de aula positivo, que procurei fomentar sempre nas minhas aulas. A importância dos *feedbacks* está explanada por Mesquita (2005), que os define como um comportamento de reação do professor à prestação motora do atleta, assumindo diferentes formas de manifestação - auditivo, visual, tático-quinestésico e misto.

Ao longo do ano letivo fui realizando e atualizando a análise SWOT, ao nível da realização, em que considerei ter um bom controlo e gestão da aula, da turma e do seu clima. Apresentei também uma boa capacidade para ajustes que são necessários no decorrer da própria aula e que obrigam a adaptações no momento, bem como uma boa técnica na instrução dos

exercícios (explicação verbal e visual acompanhada de demonstração prática). Apesar de ter conseguido um bom controlo sobre a turma, no início senti algumas dificuldades para que os alunos me assumissem como líder, mas com o decorrer das aulas fui conquistando a turma. As dificuldades também se fizeram sentir devido ao facto de existirem três turmas a partilhar o mesmo pavilhão, o que dificulta a transmissão (ruído na comunicação) e devido às características particulares desta turma. A turma apresentava vários alunos caracterizados como casos-problema, sendo uma turma considerada, globalmente, com baixo nível de aproveitamento e comportamento que revelava ainda dificuldades ao nível do relacionamento entre pares. Como oportunidades, considerei a ajuda dos alunos mais aptos para a demonstração prática e a possibilidade ocasional de ocupação de mais um terço do pavilhão e, quando as condições climáticas o permitiram, o campo exterior.

Partindo da premissa que seria uma turma desafiante e com o objetivo de os alunos me assumirem rapidamente como líder, foquei-me na experiência já adquirida como treinador de Futebol e auxiliiei-me igualmente no livro “Liderator” A Excelência no Desporto (Lourenço, L., & Guadalupe, T., 2017). Este livro relata a experiência de grandes personalidades no mundo do Futebol e que, de certa forma, me fez alargar ainda mais os meus horizontes e adquirir novas competências e novas estratégias.

Para a identificação dos modelos de ensino mais apropriados para a intervenção, suporrei a decisão com a leitura dos modelos instrucionais de ensino apresentados por Metzler (2011). Tendo em conta todas as variantes, a utilização do modelo de ensino de Instrução Direta torna-se o mais adequado face à realidade da turma e da escola. Este modelo foi concebido essencialmente para promover a aquisição de competências e conhecimentos básicos, que possam ser ensinados de forma gradual (Arends, 2008).

Durante este estágio, em certas modalidades, também utilizei o Modelo de Educação Desportiva criado por Daryl Siendentop como uma forma de *play education*, isto é, educação lúdica, que apresenta como finalidades “*to educate students to be players in the fullest sense and to help them develop as competent, literate, and enthusiastic sports persons*” (Siendentop et. al, 1994). Este modelo é baseado em torneios com o intuito dos alunos exercitarem as situações de jogo. Os torneios propostos tiveram sempre uma organização prévia e os alunos desempenhavam vários papéis, entre eles, serem árbitros do torneio, jogadores do torneio, capitães nas suas equipas, espectadores e adeptos do próprio torneio, tendo-lhes sido atribuída uma grande autonomia durante a sua realização. O modelo de educação desportiva revelou-se

como o modelo de ensino que mais motiva os alunos e que conduz, conseqüentemente, ao aumento da dinâmica da aula.

1.3.Avaliação

Segundo Bratfische (2003) avaliar em educação é reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão individual, a cultura própria e a manifestação de afetividade, como um meio para a aprendizagem e formação integral do educando.

Rosado e Silva (1999) citado por Gonçalves, Albuquerque e Aranha (2008) referem que a avaliação é “um juízo globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos, competências, capacidades e atitudes dos alunos”.

Para a concretização da avaliação das turmas que me foram conferidas, considerei três momentos de avaliação distintas: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa, em concordância com Ribeiro (1999). Neste âmbito, fiz uma análise SWOT ao longo do ano letivo, em considerei que revelo uma boa capacidade de observação, mesmo com as dificuldades já referenciadas, e apresento ainda uma boa capacidade de elaboração de uma grelha para a avaliação. Apresentava, inicialmente, dificuldades no momento de avaliar todos os alunos num único momento (o que me levou a privilegiar a avaliação contínua) e dificuldades em conseguir avaliar os alunos em contexto de jogo com nível inferior, uma vez que não se verifica um jogo fluído, mas que se foram dissipando com a prática. As dificuldades foram evidenciadas também devido ao pouco tempo disponível para os avaliar, bem como o espaço reduzido para o fazer. Neste ponto de situação, destaco como oportunidades a aquisição de competências nos diferentes tipos de avaliação e a aprendizagem/ganho de experiência a avaliar, mediante as várias condicionantes existentes. Todas as atividades desempenhadas constituíram-se como experiência e cumpria-me aproveitá-las da melhor forma possível para conseguir desenvolver as minhas competências neste âmbito.

A avaliação deve ser entendida como um processo que inicia, acompanha e encerra o ato de aprendizagem. Assim, existem diferentes formas de avaliação que o professor deve considerar e pode adotar.

Foram efetuadas avaliações diagnósticas no início de cada UD e avaliações sumativas no final. A avaliação contínua teve um peso maior na avaliação, uma vez que explana todo o percurso dos alunos ao longo das unidades didáticas.

Desta forma, os alunos foram avaliados com maior ponderação (70%) para os conhecimentos e capacidades, (domínio psicomotor 60% e domínio cognitivo 10%) e 30% para

as atitudes e valores (domínio sócio - afetivo), que engloba a assiduidade e a pontualidade, o cumprimento das tarefas propostas, o nível de participação e empenho, apresentação e conservação do material, o comportamento e o respeito pelo outro.

1.4. Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação

Segundo Barbosa e Canalli (2011), como professores precisamos de estar comprometidos com a sociedade, a escola, os professores e com o aluno, para uma educação de qualidade, na perspectiva de sermos capazes de ver cada aluno como um indivíduo ativo no processo de Ensino e Aprendizagem (EA). Para que este envolvimento ocorra é imprescindível um conhecimento intrínseco da turma, da escola e do meio.

Este comprometimento leva o EE a criar o seu perfil de docente, questionando e refletindo em cada prática, ao longo da sua formação, com a finalidade da obtenção de conhecimento, de forma a ampliar, aprofundar, melhorar a sua competência profissional e pessoal (Marcelo, 2009).

Só através da procura e construção contínua do conhecimento é que se está mais preparado para intervir junto dos alunos e, assim, conseguir fazer a diferença na vida escolar e pessoal dos alunos. Foi o que procurei fazer e espero, desta forma, ter contribuído para o progresso destes alunos e que o trabalho desenvolvido surta os objetivos desejados. Entende-se como um dos objetivos desejados, motivar os alunos para a prática de AF e estimular hábitos de vida ativa e saudável, procurando que estes perdurem pelas suas vidas. Aspiro ter tido um impacto forte sobre os alunos, influenciando-os positivamente e que se recordem, num futuro próximo, do trabalho árduo e meritório que desenvolvemos em conjunto durante todo este ano.

2. Participação na escola e Relação com a comunidade

De acordo com Saraiva (2002), a escola deve desenvolver uma cultura de participação, que consiga partilhar a educação com os pais, com o pessoal não docente, com a comunidade envolvente, para que todos possam contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso dos seus alunos.

2.1. Atividades realizadas

Desde o início do ano letivo que procurei integrar-me nas atividades desportivas presentes na escola, pois considero ser uma mais-valia para a minha formação enquanto profissional desta área e pretendia que, desta forma, o meu estágio fosse o mais rico possível.

Neste sentido, propus-me a ter uma participação ativa em atividades do DE, nomeadamente na organização e dinamização do corta-mato escolar, da prova “Megasprinter”, nos torneios internos de interturmas e nos treinos das modalidades de Boccia e Esgrima.

No corta-mato escolar desempenhei funções ao nível da organização, dinamização e controlo da prova. Numa primeira fase, de divulgação da prova junto das turmas, incentivei bastante os alunos da minha turma a participarem. Na fase de organização da prova fiquei bastante agradado pelo contributo destes alunos que se mostraram ativos e prestáveis. Durante a realização do corta-mato procurei, juntamente com o grupo de professores de EF, fazer o controlo da prova dos diferentes escalões e, ainda, fazer a reportagem fotográfica dos acontecimentos e dos vários momentos da prova. Considero que foi uma experiência bastante enriquecedora, com a aquisição de competências organizacionais e de gestão numa prova como o corta-mato. Esta prova teve ainda a particularidade de os alunos da minha turma terem sido elogiados pelos restantes professores, como a melhor turma do corta-mato, não ao nível de resultados, mas de incentivo aos colegas e pela ajuda que deram antes, durante e após a organização do mesmo, o que também me deixou bastante agradado.

Relativamente aos torneios internos de interturmas, desempenhei a função de árbitro nos vários torneios realizados: badmínton, basquetebol, voleibol, futsal e andebol. O desempenho desta função permitiu-me enriquecer a minha experiência e obrigou-me, por outro lado, a ter um conhecimento mais aprofundado do regulamento técnico de cada modalidade, no sentido de me sentir o mais seguro e justo possível nas decisões tomadas. Todos os torneios foram diferentes, quer pela modalidade em questão, o nível etário dos alunos, quer pelo ambiente, mas todos eles foram importantes neste percurso. Foi decidido em reunião de grupo disciplinar de EF que seriam os EE a desempenhar as funções de árbitros nestes torneios, no sentido de os jogos terem um carácter formal e do estágio ser mais completo e rico.

O DE contempla sempre grupos de modalidades que se mantêm há já vários anos na escola, como é o caso do boccia. Por se tratar de uma modalidade diferente e que os professores não implementam nas aulas de EF, o boccia suscitou-me desde logo interesse. Quando integrei os treinos desta modalidade com o professor responsável, deparei-me com vários alunos com

NEE o que, numa primeira fase, me causou uma sensação de insegurança por não ter a noção de como deveria lidar com estes alunos. Com o passar dos treinos, esta apreensão inicial foi-se dissipando e comecei a interagir bastante com estes alunos, aos quais ganhei um carinho enorme. São alunos que demonstram mais facilmente os seus afetos e, no meu ver, criam-se laços mais fortes com eles. Tem sido uma experiência extraordinária, não só pelo ingresso nos treinos de desporto escolar, mas pela particularidade deste grupo, que levarei sempre na memória.

Este ano, analisando a vantagem de a escola ter um professor especializado na modalidade de esgrima, foi possível abrir um novo grupo de desporto escolar, com a modalidade de esgrima. Tal como o grupo anterior e por se tratar de uma modalidade diferente e raramente implementada nas escolas pelos professores nas aulas de EF, provocou-me logo interesse e curiosidade. Ao contrário da modalidade anterior, que tinha abordado numa disciplina da licenciatura, esta era para mim completamente nova, pelo que me obrigou a um estudo prévio das regras. Numa primeira fase, auxiliava apenas o professor responsável e procurava adquirir rapidamente as bases para me poder tornar autónomo. Com o decorrer dos treinos foi o que aconteceu, comecei a ganhar maior dinâmica com a modalidade, comecei a cimentar as minhas bases e nesta altura já me sinto autónomo para abordar esta modalidade numa escola em que venha a lecionar. Por estes motivos, considero que foi bastante enriquecedora a minha participação nestes grupos do DE.

O núcleo de estágio mostrou interesse, também, na dinamização de três sessões semanais no âmbito do Projeto “Mexer Para Melhorar” (MPM), promovido pelo Grupo Disciplinar de EF. Este é um projeto em que se pretende aumentar o tempo de prática de AF, especialmente a alunos que mais beneficiariam (com obesidade ou excesso de peso) e, desta forma, se procura contribuir para uma melhoria do Índice de Massa Corporal destes alunos e dar-lhes ainda noções de hábitos de vida ativos e saudáveis. Nestas sessões está sempre presente um percurso ou circuito de condição física e depois é realizada uma ou mais atividades lúdicas, normalmente um desporto coletivo, para os alunos se divertirem enquanto estão a realizar exercício físico intenso e a trabalhar as suas capacidades físicas.

Integrei ainda o grupo que se deslocou com os alunos ao MegaAtleta – fase regional. Nesta prova, fiz o acompanhamento dos alunos e prestei ajuda no que foi solicitado. Apesar da prova ter iniciado, as condições climatéricas extremas que se faziam sentir levaram ao adiamento da prova. No entanto, ficou a experiência em relação a uma atividade nova.

O núcleo de estágio procurou dinamizar, ainda, um jogo de final de ano, na modalidade de futsal, entre alunos e professores. O objetivo desta iniciativa era proporcionar um convívio mais próximo entre alunos e professores, que se estenderia ao resto do dia, com a realização do tradicional arraial de encerramento do ano letivo.

Procurei ter um papel igualmente ativo nas atividades não desportivas presentes na escola, nomeadamente nas reuniões de turma (intercalares e de final de período), reuniões do grupo de EF e reuniões gerais de professores.

Participei numa visita de estudo ao Museu Soares dos Reis com a minha turma de EF. Foi uma experiência boa, em que pude ter mais um momento com os alunos, num contexto diferente da aula de EF. Ao longo da visita procurei manter os alunos organizados, juntamente com os outros professores responsáveis, no sentido de desfrutarem da oportunidade da visita para aprenderem mais.

Eu e o núcleo de estágio, proporcionámos ainda à comunidade escolar, a apresentação de um seminário no âmbito do nosso projeto “Family in Move”. O seminário teve o nome de “Pais e Filhos em Ação” e teve como objetivo sensibilizar os pais para a importância de uma AF regular. A AF é importante tanto para os filhos, como para os pais e procuramos sensibilizar para a sua prática conjunta, pois verificámos grandes benefícios através do estudo realizado. Foi uma experiência bastante enriquecedora, quer a nível pessoal, quer a nível profissional, tendo como objetivo desenvolver competências assentes nos princípios da iniciação à investigação científica. Foi, igualmente, uma sensação de realização pessoal após a apresentação bem-sucedida do seminário, que por outro lado me deu bases neste percurso, tornando o meu estágio mais rico e completo. Teve um impacto positivo na comunidade escolar, na medida em que colocou os presentes a refletir sobre a importância de modificarem as suas práticas de AF.

2.2.Socialização profissional e institucional

A este nível, torna-se imprescindível fomentar uma relação saudável com todos os intervenientes na comunidade escolar, como a direção da escola, os professores, os assistentes operacionais, os alunos, os pais/encarregados de educação, pois todos eles têm um papel essencial no sucesso de um ano letivo.

Consoante a análise SWOT realizada e atualizada ao longo do ano letivo, constatei que fiquei apreensivo no primeiro impacto com a nova realidade escolar, devido ao facto de não conhecer os profissionais do local de trabalho/estágio e pela circunstância de existirem

personalidades diferentes, o que poderia originar a ocorrência de conflitos, o que acabou por não acontecer. Pelo contrário, verificou-se um bom acolhimento profissional e institucional e uma grande disponibilidade dos profissionais para prestar apoio sempre que necessário, proporcionando ao núcleo de estágio uma maior interação e socialização na escola. A socialização também ficou facilitada devido à participação nas atividades realizadas na escola (DE, MPM e aulas) e ao facto de ter facilidade em conviver e socializar com outras pessoas, mostrando sempre disponibilidade e dinamismo. Destaco ainda o bom espírito de companheirismo já existente entre os profissionais do local de trabalho/estágio e que, igualmente, se estendeu a nós, Estudantes-Estagiários, criando-se um clima de trabalho bastante agradável.

2.3.Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

Segundo Costa (1996) “a aprendizagem da profissão docente não principia com a frequência de um curso de formação inicial, nem termina com a obtenção de uma licenciatura em ensino, é algo que o professor realiza durante toda a vida.” Da mesma forma, o processo de EA não se resume ao contexto de aula, é muito mais que isso. O papel do professor é como um livro inacabado que se reescreve a cada dia e a cada interação com os alunos. Passa por ensinar, guiar, educar, brincar, ouvir, compreender, repreender, valorizar o aluno.

Os alunos passam a maior parte do seu tempo na escola, por isso o professor é como um formador na vida do aluno, preparando-o para ser uma pessoa melhor e um futuro cidadão responsável e cumpridor. Isso significa que o professor deve procurar criar um impacto positivo sobre os alunos, não se podendo resumir ao tempo de aula, deve-se estender a todo o recinto da escola e em qualquer momento. Se um aluno, por exemplo, apresentar um mau comportamento no recreio, o professor deve intervir e procurar transmitir-lhe os valores certos.

Em todas as intervenções na escola, procurei ser um modelo para os alunos, uma vez que estes encaram os professores como um exemplo a seguir.

Nas sessões de MPM a vivência e a competitividade desportiva dos alunos, por vezes, acabavam por ser em excesso e criavam-se alguns conflitos. O núcleo de estágio procurou atuar de imediato e resolver a situação, no sentido de os alunos aprenderem com os seus comportamentos, a refletirem e a tomarem a decisão correta.

3. Desenvolvimento profissional

3.1. Dificuldades e necessidade de formação

Nos dias que correm torna-se indispensável que os professores, da mesma maneira que é assumido por muitas outras profissões, se convençam da necessidade de ampliar, aprofundar, melhorar a sua competência profissional e pessoal (Marcelo, 2009).

Na escola cooperante, as formações existentes dirigem-se apenas aos professores da escola e como neste âmbito, os EE não são considerados professores da escola, não têm acesso às formações que os professores frequentam. No entanto, considero que as formações são benéficas no percurso de qualquer profissional, principalmente em profissões que promovam a interação com seres humanos e dos quais podemos e devemos ser responsáveis, tal como ocorre nesta magnífica profissão da docência. Juntando a esta profissão, o cariz prático e intrínseco da mesma, enquanto professor de EF, acresce o grau de importância, pois somos responsáveis pela literacia física e desportiva dos jovens alunos e podemos assumir um papel fundamental quanto aos seus hábitos de vida ativos, pretendendo que sejam saudáveis e que se prolonguem ao longo da sua vida.

Existindo uma possibilidade de formação, considero ser interessante e muito proveitoso. A avaliação é uma parte muito importante da lecionação e que requer experiência e a reflexão sobre diferentes estratégias. Neste sentido, uma formação sobre este tema seria uma boa forma de procurar minimizar algumas dificuldades e potenciar o poder de observação.

3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão

Segundo Casanova (2016) “A formação contínua de professores constitui um fator muito importante no contexto da escola e da sociedade atual.” Hoje em dia a informação está à distância de um “*click*”, permitindo aos alunos terem acesso aos conhecimentos que pretendem rapidamente. No entanto, o facto de a informação estar disponível, não quer dizer que os alunos saibam aproveitar todas as suas vantagens. Este fator em consonância com a constante mudança da realidade escolar e contextualização do saber-saber e do saber-fazer, obriga a uma constante formação do profissional docente.

A formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das escolas, e não como uma função que intervém à margem dos projetos profissionais e organizacionais (Macbride, 1989).

IV. Reflexões finais

4.1. Experiência pessoal e profissional

Fazendo uma reflexão geral sobre o meu percurso académico, encaro-o como bastante gratificante e enriquecedor. Ao longo deste percurso, pude recolher bastante informação e alargar o meu conhecimento científico esperando, expectante, pela oportunidade de passar o conhecimento teórico para a prática.

Neste segundo ano de mestrado e conseqüente estágio, tive a oportunidade de desenvolver as minhas competências letivas ao nível escolar, uma vez que já orientava treinos na modalidade de futebol. Neste sentido, a minha formação sofreu uma evolução ao nível do trabalho com crianças e jovens em diferentes vertentes, tornando esta experiência mais rica.

É certo que iniciei este estágio com alguma experiência profissional devido aos treinos de futebol, no entanto os contextos são diferentes, o que fazia prever um percurso interessante e cheio de desafios. Diferentes tipos de oportunidade e experiências são um grande apoio no desenvolvimento e crescimento da competência profissional (Resende, 2014).

As minhas expectativas iniciais passavam por procurar dar sempre o meu melhor, no sentido de conseguir que os alunos evoluíssem, incentivando sempre à prática de AF, através de desportos de competição, ou simplesmente por lazer e recreação, com o propósito de lhes marcar o percurso académico e pessoal pela positiva e de se tornarem jovens mais ativos e saudáveis. Esperava conseguir envolver-me nos vários ramos da EF, tanto a nível curricular, como a nível do DE, bem como na colaboração em projetos já existentes na escola, procurando dessa forma ter uma visão mais abrangente dos vários papéis que o professor de EF desempenha e, ao mesmo tempo, ganhar mais experiência e adquirir novas competências, com o objetivo de tornar o meu estágio o mais diversificado possível. A este nível, para além das aulas lecionadas, eu, em conjunto com o núcleo de estágio e de professores, organizei e dinamizei o corta-mato escolar, o Mega Atleta – fase escolar, os torneios internos de interturmas e integrei os treinos das modalidades de Boccia e Esgrima ao nível do DE.

Com base no projeto “Family in Move” que o núcleo de estágio implementou na escola, oferecemos ainda à comunidade escolar, um seminário. Intitulámo-lo de “Pais e Filhos em Ação” com o objetivo de sensibilizar os pais para a importância de uma AF regular em conjunto com os seus educandos. Considero que a preparação e a apresentação do seminário foram uma experiência bastante enriquecedora, quer a nível pessoal, quer a nível profissional, o que me permitiu desenvolver competências assentes nos princípios da iniciação à investigação

científica. Foi, igualmente, uma sensação de realização pessoal e que tornou gratificante todo o trabalho realizado ao longo deste percurso, transformando o estágio em único e indescritível. O núcleo de estágio conseguiu proporcionar um impacto positivo na comunidade escolar através do seminário, na medida em que colocou os presentes a refletir sobre a importância de modificarem as suas práticas de AF.

Fazendo um balanço em relação às expectativas iniciais e ao que me propus integrar e realizar, posso afirmar que, após todas as experiências vivenciadas, as expectativas iniciais foram superadas e o sentimento de missão cumprida é enorme.

É verdade que durante o meu percurso tive experiências extremamente positivas e outras nem tanto. Como em tudo na vida, tudo é experiência e a forma como encaramos as adversidades é que determinam o carácter, a força e determinação do profissional e foi sempre esta a atitude que persistiu. O que também contribuiu para este ótimo percurso, foi o facto de realizar sempre uma reflexão crítica após cada intervenção na escola, o que acabou por engrandecer esta experiência.

4.2.A componente ético-profissional

Na minha reflexão inicial acerca das expectativas iniciais, apontava o receio em conseguir gerir a vida laboral que já possuía com o estágio pedagógico. Esta sensação de ansiedade e nervosismo foi encarada como algo positivo, na medida em que me iria tornar mais consciencioso e responsável pelas minhas ações durante as aulas, na preparação e reflexão sobre as mesmas.

Mesmo com responsabilidades fora do meio escolar, nunca pus em segundo plano este estágio. Sempre o encarei como um trabalho profissional, ao qual tinha de oferecer o melhor de mim, procurando evoluir a cada dia. Em tudo o que integro é para dar o meu melhor, pondo a vertente escolar e a vertente laboral no mesmo patamar alto, como ponho todos os meus desafios, pois os alunos merecem sempre o melhor dos seus professores e estes têm um dever ético para com eles, contribuindo para a sua melhor formação.

Posto isto, considero que o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo foi bastante positivo, contribuindo para tal o núcleo de estágio, que sempre trabalhou em total colaboração, o grupo de professores de EF, que sempre se mostrou prestável no nosso auxílio e, em especial, a nossa OC que, desde o momento inicial, foi muito rigorosa, minuciosa e bastante exigente, orientando de perto todo o processo, preparando os seus orientandos da melhor forma possível para o mercado de trabalho e tornando este estágio o mais rico possível.

4.3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES

Tanto o percurso de vida como o percurso académico geraram em mim uma grande vontade em querer obter mais conhecimento. Despertou, então, a curiosidade de obter uma compreensão mais profunda na descoberta do que envolve ser professor. Desde tenra idade que o meu sonho era estar ligado à vertente do desporto. Neste momento posso considerar que estou a realizar esse sonho. Por um lado, oriento quatro equipas nos treinos de futebol na escola *Dragon Force*, por outro lado, estive a lecionar a disciplina de EF numa escola, como tanto desejei. Fica apenas uma sensação de angústia por não poder dar continuidade, pelo menos de imediato, a esta última vertente, ou não dar continuidade numa escola que me acolheu tão bem e na qual, para além da relação profissional que existia entre os profissionais, existia também uma relação de amizade.

O facto de já ter experiência na dinamização de sessões de treino (Futebol) com crianças/jovens da mesma faixa etária coadjuvou a minha prática letiva ao longo de toda a PES. No entanto, esta contribuição efetuou-se nos dois sentidos. A PES, por sua vez, também me munuiu de competências essenciais e que consegui transferir para o contexto do futebol, nomeadamente competências ao nível da gestão. Neste sentido, existiu uma simbiose perfeita entre a PES e a vida laboral.

Desta forma, todo o impacto que a PES me proporcionou foi magnífico. Apesar da componente letiva estar presente em todas as escolas, o contexto escolar obriga a adequar estratégias diferentes em cada uma. Devido ao estágio curricular desenvolvido no décimo segundo ano na área de desporto, já tinha tido oportunidade de iniciar a vertente letiva, mas não a este nível. No entanto, foi possível confirmar que o contexto escolar influencia a vertente letiva e cabe ao docente analisar o contexto, refletir criticamente e desenvolver competências e estratégias para facilitar o ensino e proporcionar a melhor experiência de EA aos alunos.

Referências Bibliográficas

- Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar*. Madrid: McGraw-Hill (7ª ed.).
- Barbosa, F., & Canalli, M. (2011). Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem?. *EFDeportes.com, Revista Digital*.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bratfische, S. (2003). Avaliação em educação física: Um desafio. *Revista da Educação Física*. v. 14, p. 21-31.
- Casanova, M. P. (2016). Formação Contínua de Professores ao Serviço do Desenvolvimento Profissional Docente. *Revista do CFAECA*, 9–18.
- Costa, F. D. (1996). Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. In L. M. Costa, *Formação de professores em Educação Física: Concepções, investigação, prática*. Lisboa: Edições FMH.
- DeWolfe, T. E. (2013). Jean Piaget's theory of cognitive development. Salem Press Encyclopedia of Health.
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2008). Avaliação: Um caminho para o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem. *Maia: Edições ISMAI*.
- Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: A investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 104-113.
- Huberman, M. (2000). O ciclo de vida profissional dos professores. In A. Nóvoa, *Vidas de professores* (pp. 31-61). Porto: Porto Editora.
- Lourenço, L., & Guadalupe, T. (2017). *Liderator - A Excelência no Desporto*. Prime Books.
- Macbride, R. (1989). *Service Training of Teachers*. The Falmer Press.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento profissional docente: Passado e futuro. *Revista de Ciências da Educação*, 7-22.

Metzler, M.W. (2011). *Instructional models for physical Education*. Third edition. Scottsdale: Holcomb Hathaway.

Neto, C. (1997). *Jogo na criança & desenvolvimento psicomotor*, 1–17.

Nóvoa, A. (2002). *Formação de professor e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa.

Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista de Educación*, (350), 1–17.

Resende, R., Carvalho, M., Silva, E., Albuquerque, A., Lima, R., & C. (2014). Identidade profissional docente: Influências do conhecimento profissional. *Formação inicial de professores. Reflexão e investigação da prática profissional*. Porto: Editora FADEUP

Ribeiro, L. (1999). *Tipos de avaliação: Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Saraiva, D. (2002). Participação dos professores na escola. *Revista do ISPV*, 1(25), 1-11.

Schon, D. (1995). Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa, *Os professores e a sua formação* (pp. 77-91). Lisboa: Dom Quixote.

Siedentop, D.; Douthett, P.; Tsargaridou, N.; Ward, P.; Rauschenback, J. (1994). Don't sweat gym! An analysis of curriculum and instruction. Em O'Sullivan (Ed.), *High school physical educators: their world of work* [Monograph]. *Journal of Teaching in Physical Education*, 13,375-395.

Siedentop, D. (2008). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: Inde.

Stratton, G. (1996). Children's heart rates during physical education lessons: A review. *Pediatric Exercise Science*, 8, 215-233.

Vickers, J. (1990). *Introduction design for teaching physical activities: A knowledge structures approach*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Zeichner, K. M. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.